

A Escolinha de Arte da "Bica", no Méier, a única do bairro, está lutando para sobreviver. Fundada há 4 anos, ameaça fechar suas portas por falta de recursos.

Reportagem de Solange Dadalt
Fotos de Humberto Cardoso

O Méier pode perder sua única escolinha de arte

PARA mim é questão de honra a sobrevivência da Escolinha de Arte e darei tudo para fazer dela aquilo que imaginei. Segundo Lígia Serpa, que acompanhou de perto a vida do marido Ivan, toda dedicada às crianças e às artes, não foi difícil instalar uma Escolinha de Arte no Méier, "região que precisava tanto". Por isso há quatro anos realizou seu sonho no "atelier" da Biblioteca Infantil Carlos Alberto, localizada na Rua Rio Grande do Sul.

Mas, apesar dos anos de existência, a escolinha ainda luta com falta de recursos. As crianças que a frequentam é exigida uma taxa de apenas 40 cruzeiros para compra do material, embora o ideal da sua fundadora fosse os cursos sem nada cobrar ou exigir.

Para que se transforme numa grande escola de artes, para atender a mais crianças há muitos planos, como a criação de um teatro infantil, cursos de fotografia ou de gravura. Mas as colaborações ainda são muito necessárias:

— Quaisquer que sejam elas, afirma Lígia Serpa, que tem aversão de falar em dinheiro.

Tudo é válido, de um vidro de cola a uma resma de papel... Se pudesse, contrataria mais professores para ensinar outras técnicas. Mas enfrentamos algumas dificuldades. E com relação à localização da escola, comenta:

— O Méier precisa muito de oportunidades, muito mais que a Zona Sul, já tão favorecida com galerias e maior número de escolas deste tipo. A própria cultura se adquire aí com mais facilidade.

Uma hora de arte

— Ah! O rabo do pavão não é assim... É mais colorido e redondo...

— Não, não é. Não é verdade, tia? Mas a tia não respondeu, pelo menos naquele momento. Para o final de semana foi uma visita ao Jardim Zoológico e os dois briguentos, cada um com sua capacidade de ver e sentir as coisas, descobriram por si o que desejavam.

Foi assim que nasceu a idéia da realização de uma aula no Jardim Zoológico, efetuada ontem pelos alunos da Escolinha de Arte da "Bica". Na ocasião, nas pranchetas munidas de folhas para desenho, as crianças registravam tudo o que observavam: as araras, os cisnes, ursos, hipopótamos, entre outros animais. A turma de adolescentes alguma coisa a mais era exigida nos trabalhos de reprodução: perspectiva divisão de planos, ambiente em que viviam. Enfim, deviam observar além. Mas o principal foi repetido incansavelmente pela Professora Carlí Moore Portella, o que, talvez, tenha sido ouvido também incansavelmente por ela nos cursos realizados no Centro de Artes de Ipanema com o mestre Ivan Serpa:



— Faça o que você sente...

Entre os 10 alunos presentes, de idades variadas, estava Paula, de quatro anos, que preferiu desenhar a princípio apenas o bico da arara, o que lhe chamou mais a atenção. Ao visitar os ursos, o entusiasmo foi maior. O desenho levou mais tempo para ser feito.

Para Márcia Cláudia, uma adolescente de 14 anos, um curso realizado numa escola com tendência acadêmica prejudicou um pouco sua liberdade de criação. Na maioria das vezes sentia-se insegura em registrar o que via, mas acredita que "aos poucos tudo isto vai passar. Quem sabe se ainda não serei uma artista de nome?"

Já Cristina Moore Portella, também de 14 anos, não sente as limitações da colega. A arte para ela é higiene mental: "Quando a gente desenha parece que desaparecem nossos aborrecimentos."

Gosta muito da orientação que recebe: não é exigido nada com relação à perfeição.

Lucilda de Carvalho, que colabora com a Professora Carlí nas aulas verificando os trabalhos das crianças, acha que com elas se aprende também muita coisa. Trabalhar com crianças é sempre se renovar.

Paulo Eduardo Marcos Leite, de oito anos, foi matriculado na Escolinha a conselho do médico para ajudar no

tratamento neurológico que foi obrigado a fazer.

Apesar do pouco tempo de escola, sua mãe sente melhoras no comportamento do menino: às terças-feiras, dia de sua ida ao "atelier", é sempre recebida com muita satisfação e ele não deixa de convidar os coleguinhos mais chegados para também fazerem parte da pequena comunidade de arte.

Ronaldo e Rogério Alvarez, de 5 e 7 anos, apesar de um mês na escolinha, já conseguem concentra-se mais nas coisas que reproduzem e Cristina Baltazar, de 5 anos, já conseguiu superar as dificuldades que tinha em auto-expressar-se. Apesar de saber ler e escrever, com esta idade tinha também problemas de socialização, ainda não superados totalmente.

Mas afinal, no clima de liberdade total para as criações, os maiores problemas podem tornar-se muito reduzidos para estas crianças que têm diante de si um verdadeiro mundo novo, descoberto aos poucos, com uma orientação onde a individualidade é respeitada e que faz do livre-arbitrio sua filosofia principal.

As aulas são realizadas uma vez por semana, às terças ou quartas-feiras, com duas horas de duração. No momento a Escolinha tem quatro turmas de 20 alunos cada e, além dos cursos de férias, é ministrado também um outro, regular, durante o ano letivo.

